

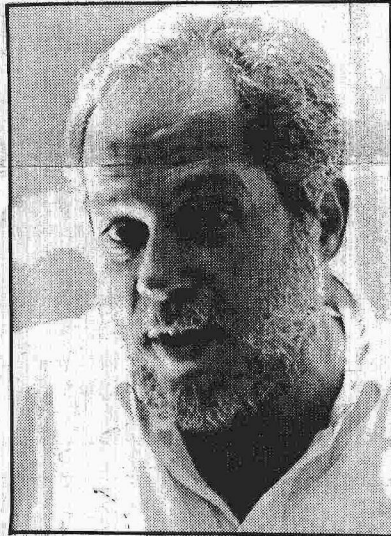
Para professor da UFRJ, próximos 5 anos são decisivos

As condições internacionais, ao contrário do que muita gente sustenta, são extremamente favoráveis à economia brasileira, diz o economista José Tavares de Araújo, Professor Titular do Instituto de Economia Industrial (IEI) da UFRJ, Consultor da Fundação Centro de Comércio Exterior (Funcex) e ex-Secretário da Comissão de Política Aduaneira (CPA). Tavares antevê que o perfil da economia mundial nos anos 90 será um pouco como a da década de 50, de muito investimento e recuperação, só que sem a guerra fria daqueles anos dourados.

— E um momento de recuperação de um dinamismo similar ao do Pós-Guerra, de aceleração tecnológica. A economia mundial vai estar crescendo e não vamos viver, como nesta última década, em um contexto de crise internacional — observa, ponderando, contudo, que é evidente que o Brasil terá problemas de poupança.

José Tavares acha até que o Mundo industrializado não está muito interessado pelo futuro do Brasil. Se o País não crescer, comenta, corre o risco de se transformar num Egito, mas o que ele realmente acredita é que as chances de ir bem são grandes. A verdadeira discussão agora, na sua opinião, deve se concentrar em como o País trilhará a rota para um capita-

Foto de Leonardo Aversa



José Tavares de Araújo, da UFRJ

lismo democrático, uma vez que já demonstrou boa vocação para a economia de mercado, mas tem de enfrentar uma crise não só econômica, mas também política.

— Serão os próximos cinco anos que vão determinar o perfil da econo-

mia brasileira para as subsequentes duas décadas, e o que podemos vislumbrar hoje é que o Presidente Collor tem alta possibilidade de implementar um plano de curto prazo bem sucedido, ainda que, por ora, sejam remotíssimas suas chances de traçar e tocar um projeto de longo prazo.

Mas José Tavares também observa que ainda é muito difícil saber o que de fato o Presidente eleito fará para arrumar a economia brasileira no curto prazo, porque a composição do futuro Governo ainda é um mistério. Mas ninguém mais duvida que Collor tomará medidas importantes de comércio exterior, que desaguiam, necessariamente, na abertura da economia. E neste ponto Tavares, especialista no assunto, alerta para o frequente equívoco de se aventar que a abertura do mercado vai levar à destruição da indústria local. Decididamente ele não concorda com esta tese, e lança mão de alguns índices estruturais para sustentar sua posição. O primeiro deles: 60% do parque industrial brasileiro opera com eficiência não muito diferente dos padrões internacionais.

O problema por aqui consiste, como aponta Tavares, na constatação de que a contrapartida deste volume de eficiência produtiva não existe. Se o padrão de eficiência do tecido industrial não é tão ruim quanto se alar-

deia, o custo de mão-de-obra está nos mesmo níveis de países como Sri Lanka, Taiwan e abaixo de Honk Kong. É preciso atacar esse problema para quem esta é a razão pela qual se discute abertura da economia para que o País tenha como recuperar seus instrumentos de política econômica e industrial.

Por esta linha de raciocínio, o economista prossegue afirmando que uma economia fechada se presta à proliferação de inúmeras reservas de mercados, como se observa no Brasil. E abre um parêntese: apontar a metralhadora na direção da reserva da informática é uma bobagem — e o discurso uma falácia — porque reserva de mercado, no Brasil, todo mundo tem. Mas o fato é que este ambiente pródigo em proteções criou a participação indevida e exagerada de uma dos empresários que representam os cartórios nas decisões do País.

E é por isso que ele aponta como o principal desafio político de Collor conseguir que o empresariado nacional se capacite a sobreviver com margens de lucros menores, já que não é novidade que a lucratividade aqui também não encontra paralelo no resto do Mundo, assim como o ritmo acelerado com que se formam fortunas. Sem isso, sustenta, pode-se esquecer a estabilidade econômica.